

A bota de couro de búfalo

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Um soldado que não teme coisa alguma também não se preocupa com coisa alguma. Um desses havia recebido baixa e, como não aprendera nenhum ofício e não conseguia ganhar a vida, andava de um lado para outro, pedindo uma esmola às pessoas de bom coração. Dos ombros pendia-lhe uma velha capa de chuva, e também lhe restara um par de botas de montaria de couro de búfalo. Certo dia, sem prestar atenção a caminhos nem veredas, foi andando pelos campos e acabou entrando numa floresta. Não sabia onde estava, mas viu um homem sentado num tronco de árvore derrubado, bem-vestido e com um casaco verde de caçador. O soldado estendeu-lhe a mão, sentou-se na grama ao lado dele e espichou as pernas.

— Estou vendo que você usa umas botas finas, bem engraxadas e reluzentes — disse ao caçador. — Mas, se tivesse de andar por aí como eu, elas não durariam muito. Olhe as minhas: são de couro de búfalo e já servem há muito tempo, mas enfrentam tudo quanto é caminho.

Depois de algum tempo, o soldado se levantou e disse:

— Não posso ficar mais; a fome me toca adiante. Mas, irmão Botas Engraxadas, para que lado fica o caminho?

— Eu mesmo não sei — respondeu o caçador. — Perdi-me na floresta.

— Então você está como eu — disse o soldado. — Os iguais gostam de andar juntos; vamos ficar um com o outro e procurar o caminho.

O caçador sorriu um pouco, e os dois seguiram juntos, sempre em frente, até cair a noite.

— Não vamos conseguir sair da floresta — disse o soldado. — Mas vejo uma luz brilhando lá longe; ali deve haver alguma coisa para comer.

Encontraram uma casa de pedra, bateram à porta, e uma velha abriu.

— Estamos procurando pousada para a noite — disse o soldado — e alguma forragem para o estômago, pois o meu está tão vazio quanto uma mochila velha.

— Vocês não podem ficar aqui — respondeu a velha. — Esta é uma casa de ladrões, e o mais sensato é irem embora antes que eles voltem, pois, se os encontrarem, estarão perdidos.

— Não há de ser tão ruim — respondeu o soldado. — Não como um bocado há dois dias, e para mim tanto faz morrer aqui ou morrer de fome na floresta. Eu vou entrar.

O caçador não queria acompanhá-lo, mas o soldado o puxou pela manga:

— Venha, meu irmão do coração; não é assim de uma hora para outra que vão nos torcer o pescoço.

A velha teve pena e disse:

— Escondam-se atrás do fogão. Se eles deixarem alguma sobra e adormecerem, eu passo a comida para vocês.

Mal tinham se sentado no canto, doze ladrões entraram de rompante, sentaram-se à mesa, que já estava posta, e exigiram comida aos gritos. A velha

trouxe um grande assado, e os ladrões se regalaram. Quando o cheiro da comida chegou ao nariz do soldado, ele disse ao caçador:

— Não aguento mais; vou me sentar à mesa e comer com eles.

— Você vai nos levar à morte — disse o caçador, segurando-o pelo braço.

Mas o soldado começou a tossir alto. Quando os ladrões ouviram aquilo, largaram facas e garfos, deram um salto e descobriram os dois atrás do fogão.

— Ah, meus senhores! — gritaram. — Estão aí no canto? O que querem aqui? Foram mandados como espiões? Esperem só: vão aprender a voar num galho seco.

— Um pouco de educação — disse o soldado. — Estou com fome; deem-me de comer e depois podem fazer comigo o que quiserem.

Os ladrões ficaram desconcertados, e o chefe disse:

— Vejo que você não tem medo. Muito bem, terá comida, mas depois terá de morrer.

— Isso ainda se verá — disse o soldado.

Sentou-se à mesa e começou a atacar o assado com vontade.

— Irmão Botas Engraxadas, venha comer! — gritou ao caçador. — Você deve estar com tanta fome quanto eu, e em casa não pode ter um assado melhor.

Mas o caçador não queria comer. Os ladrões olhavam espantados para o soldado e diziam:

— Esse sujeito não faz cerimônia.

Depois ele disse:

— A comida está muito boa; agora tragam também uma boa bebida.

O chefe estava disposto a tolerar mais aquela e gritou para a velha:

— Vá buscar uma garrafa na adega, e que seja do melhor.

O soldado arrancou a rolha com um estouro, foi com a garrafa até o caçador e disse:

— Preste atenção, irmão, você vai ver uma coisa de deixar pasmo: agora vou brindar à saúde de toda essa corja.

Então agitou a garrafa por cima da cabeça dos ladrões e gritou:

— Que vivam todos vocês, mas de boca aberta e mão direita erguida!

E tomou um bom gole. Mal pronunciara as palavras, todos ficaram sentados, imóveis como se fossem de pedra, de boca aberta e braço direito levantado. O caçador disse ao soldado:

— Vejo que você sabe fazer outros truques, mas agora venha, vamos para casa.

— Opa, meu irmão do coração, seria marchar cedo demais! Vencemos o inimigo e primeiro vamos recolher o saque. Eles estão aí presos, de boca escancarada de espanto, mas não podem se mexer até que eu permita. Venha comer e beber.

A velha teve de buscar mais uma garrafa do melhor, e o soldado só se levantou depois de tornar a comer o suficiente para três dias. Por fim, quando amanheceu, disse:

— Agora é hora de levantar acampamento; e, para termos uma marcha curta, a velha vai nos mostrar o caminho mais próximo para a cidade.

Quando chegaram lá, ele foi procurar os antigos companheiros e disse:

— Encontrei lá na floresta um ninho cheio de carne de forca. Venham comigo; vamos acabar com ele.

O soldado os conduziu e disse ao caçador:

— Você tem de voltar conosco e ver como eles esvoaçam quando os pegarmos pelos pés.

Colocou os homens ao redor dos ladrões, então pegou a garrafa, bebeu um gole, agitou-a por cima deles e gritou:

— Que vivam todos vocês!

No mesmo instante, eles recuperaram os movimentos, mas foram derrubados e amarrados com cordas nas mãos e nos pés. Então o soldado mandou que os jogassem como sacos numa carroça e disse:

— Levem-nos direto para a prisão.

O caçador, porém, chamou um dos homens de lado e lhe confiou ainda um recado.

— Irmão Botas Engraxadas — disse o soldado —, pegamos o inimigo de surpresa e nos alimentamos bem; agora vamos marchar atrás, com toda a calma, como os que ficam para trás da tropa.

Quando se aproximaram da cidade, o soldado viu uma multidão saindo pelo portão, soltando altos gritos de alegria e agitando ramos verdes no ar. Depois viu toda a guarda real vindo ao encontro deles.

— O que significa isso? — perguntou ao caçador, muito espantado.

— Você não sabe — respondeu ele — que o rei esteve longe do seu reino por muito tempo? Hoje ele volta, e por isso todos vão recebê-lo.

— Mas onde está o rei? — disse o soldado. — Não o vejo.

— Aqui está ele — respondeu o caçador. — Eu sou o rei e mandei anunciar minha chegada.

Então abriu o casaco de caçador, deixando ver as roupas reais. O soldado se assustou, caiu de joelhos e pediu perdão por, sem saber, tê-lo tratado como um igual e chamado por aquele nome. O rei, porém, estendeu-lhe a mão e disse:

— Você é um soldado valente e salvou minha vida. Não passará mais necessidade; eu cuidarei de você. E, quando quiser comer um bom pedaço de assado, tão bom quanto o da casa dos ladrões, é só ir à cozinha real. Mas, se quiser fazer um brinde à saúde de alguém, primeiro terá de pedir minha permissão.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-bota-de-couro-de-bufalo>